

Joelmir Beting

*"O que importa não é onde estamos.
Mas para onde vamos."*

Aldous Huxley (1894-1963), escritor inglês

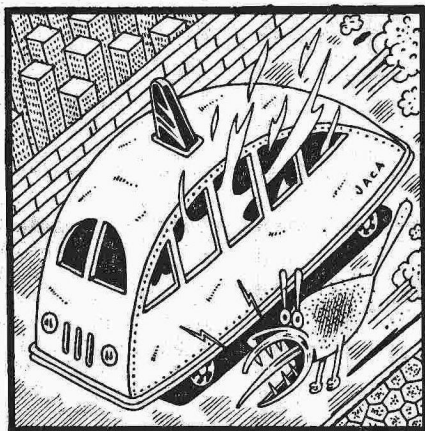


Desgovernabilidade

Se o presidente Fernando Collor escapar ileso da batalha do impeachment, permanecendo chumbado ao trono, a economia brasileira acabará pagando o maior de todos os confiscos: o estado da desgovernabilidade. Moralmente contaminado e politicamente destroçado pela vitória de Pirro do impeachment, o presidente não teria como realizar reformas, conduzir decisões, executar pacotes. O próprio Congresso, pilhado com a mão na cumbuca, ficaria em desgraça perante uma opinião pública finalmente desperta, ativa, cobradora.

□□□ Única escapatória para o estado de desgovernabilidade: o processo de italianização. Ou seja: um regime de separação de corpos e de bens entre economia e política. O mercado cuidaria de fazer os ajustes de rota por sua própria conta e risco. Um autêntico pacto social. Que explica, entre outras coisas, a greve deflagrada na cidade de Bari pelos contrabandistas de cigarros americanos.

□□□ Planos, choques e regulamentos do governo Collor redivivo seriam menosprezados com um piparote: a desobediência civil cuidaria do assunto. É que, diante das baixarias da arena política, a cidadania não se defende — ela apenas se vinga. A sonegação de tributos federais e encargos sociais atingiria patamares nunca dantes navegados (e festejados). O governo não teria como manter padrões mínimos de uma patética burocracia. É bom lembrar que a sonegação já alcança quase metade do PIB fiscal.



□□□ A Itália já passou por isso. O regime parlamentarista ajudou a disfarçar o fenômeno, segundo o sociólogo Domenico Biasi. Mas o Brasil não teria como camuflar um calote cívico da cidadania indignada: o presidencialismo não tem cintura.

□□□ Para Domenico Biasi, a única ligação entre economia e política, na Itália, está nas caixinhas que políticos e burocratas exigem de empreiteiros e de fornecedores. Ainda assim, vez por outra a escumalha vem à tona e o escândalo se instala. Em abril deste ano, políticos, burocratas e empreiteiros da Lombardia tiveram de refugiar-se às carreiras em suas contas numeradas na Suíça. Simplesmente porque um juiz distraído decidiu vestir a camisa do povo. Milão saiu em passeata em defesa do juiz. Da vida do juiz. Funcionou.